

# **A IMPRENSA BRASILEIRA DURANTE A 2ª GUERRA MUNDIAL (1944-1945): FORTALECENDO O MITO DO HERÓI**

Carmen Lúcia Rigoni<sup>1</sup>

## **RESUMO**

A presente pesquisa tem como objetivo mostrar que no Estado Novo a cobertura efetuada pelos jornais, quando da participação da FEB na 2ª Guerra Mundial, denota forte contexto ideológico. O projeto estado-novista era extremamente articulado. A Imprensa representava o setor mais eficiente do DIP. A partir desse momento, vemos a espetacularização da notícia, que acabou atingindo grande parte da sociedade brasileira. Com a saída do 1º Escalão da FEB, em julho de 1944, as notícias chegavam por meio do Public Relations Officer com sede em Roma, da BBC, da Associated Press e da United Press, que pouco sabiam da FEB. O discurso da infalibilidade proporcionou situações desastrosas. Com os correspondentes brasileiros presentes no 2º Escalão em setembro de 1944, surge o estilo da grandiloquência muito antes de o Brasil dar o primeiro tiro.

Palavras-chave: imprensa, ideologia, espetacularização da notícia

## **BRAZILIAN PRESS DURING WORLD WAR 2 (1944-1945) STRENGTHENING THE MYTH OF THE HERO**

### **ABSTRACT**

The objective here is to demonstrate the strong ideological context seen in newspaper coverage and the Estado Novo (New State) and its participation with the FEB during World War II. The new-state project was an extremely articulated project. The press represented the most efficient sector of the DIP. From this moment, we see the sensationalism of the news, which ended up reaching a large part of Brazilian society. With the departure of the 1st Squadron of the FEB in July 1944, the news arrived through the Public Relations Officer based in Rome, the BBC, the Associated Press and the United Press, all of which knew little about the FEB. The discourse of infallibility provided for many disastrous situations. In September 1944, with Brazilian correspondents present in the 2nd Squadron, surged a bombastic style which began even before Brazil would fire its first shot.

Key-words: media, ideology, sensationalism.

É muito fácil transcrever-se o transcorrer de um combate dentro de um aconchegante escritório, diante de uma mesa bem-iluminada e uma confortável cadeira. A imaginação prepara o assunto e a caneta escreve para o papel fruto da imaginação. O assunto deve ser explorado jornalisticamente para causar o suspense e, este, o sensacionalismo.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Doutora em História Cultural (UFSC). Email: clrigoni@terra.com.br

<sup>2</sup> KLAS, Alfredo Bertoldo. *A verdade sobre Abetaia: drama de sangue e dor no 4º ataque da FEB ao Monte Castelo*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2005.

A cobertura da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, feita pela imprensa autorizada pelo governo do Estado Novo, entre 1944 e 1945, mereceria um estudo detalhado, dada a conotação adotada na veiculação das notícias que, durante muitos meses, ocuparam as principais manchetes dos jornais brasileiros. Sua linguagem, sempre grandiloquente, enaltecendo o valor combativo dos homens da FEB, muito antes de o Brasil dar o primeiro tiro.

Mal o primeiro escalão dos soldados brasileiros desembarcara no porto de Nápoles, na Itália, *O Jornal* do dia 19 de julho de 1944, no Rio de Janeiro, publicava em manchete de capa: “Cobras Fumando: O Brasil está presente”.

Vale lembrar que todo o trabalho da imprensa era direcionado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), criado em dezembro de 1939, que, efetivamente, trabalhava pela legitimação do regime Vargas perante a opinião pública. O DIP funcionava quase como um ministério, e seus responsáveis reportavam-se diretamente ao presidente da República. Era no DIP que funcionava a central jornalística do Estado Novo, com três expedientes e suas equipes de redatores, repórteres, tradutores, taquígrafos constituindo-se em um equipe eclética, que acompanhava os eventos principais relacionados, ou não, ao governo central.

A imprensa dizia à população que os representantes do exército brasileiro estavam conquistando para o Brasil o direito de participar da reconstrução da sociedade democrática, mas, na verdade, tudo era uma grande ironia. O que se via claramente era uma ditadura enviando para a guerra os rapazes da FEB<sup>3</sup> para libertar povos oprimidos.

As expectativas da imprensa em relação à importância da representatividade brasileira na guerra eram anunciadas diariamente ao público leitor, nos principais jornais da cidade do Rio de Janeiro, e reproduzidas em outros congêneres, por força das coligações interessadas em fazer parte do *pool* que iria cobrir os acontecimentos nas frentes de batalha.

Os jornais de maior circulação no Rio de Janeiro já se manifestavam durante o embarque do 1º escalão, ressaltando as “esperanças dos brasileiros”. O editorial de *O Jornal*, em 19 de julho de 1944, dizia estar orgulhoso de o Brasil estar cumprindo seu destino histórico e desempenhando “um papel coerente com a realidade de uma grande potência”, ou ainda: “A FEB era a demonstração de que a Nação ‘estava preparada para assumir as responsabilidades totais da aliança

---

<sup>3</sup> N.A. FEB: A Força Expedicionária Brasileira foi criada no dia 9 de agosto de 1943 pelo decreto Ministerial nº 47-44, publicado no mesmo mês. Era constituída por uma Divisão de Infantaria Expedicionária, que atuaria junto dos aliados na Itália no enfrentamento do nazifascismo. A 28 de dezembro de 1944, o comando foi entregue ao general Mascarenhas de Moraes. Após vários problemas relacionados à convocação dos soldados, seleção médica e treinamento sob a orientação norte-americana, o 1º Escalão da FEB partiu para a Itália no dia 2 de julho de 1944 com 5 mil homens. O 2º e o 3º escalões partiram no dia 22 de setembro de 1944, com 10 mil homens. O 4º escalão partiu no dia 23 de novembro de 1944 e o 5º escalão, no dia 8 de fevereiro de 1945.

com os Estados Unidos’.” Já o jornal *O Globo* expressava a confiança de que, nas mãos dos pracinhas, a bandeira brasileira não seria vilipendiada. O jornal *Diário da Noite* explicava, no propósito da FEB, a esperança dos brasileiros: “com a presença das tropas, nos lançamos como grande nação junto às potências livres”.<sup>4</sup>

Ainda no editorial de *O Globo*:

Largas colunas de jipes e caminhões militares passaram pelas estradas da Itália, cheios de soldados sedentos por lutar. A FEB apresenta-se bem treinada, muito bem equipada. [...] quando passavam os valentes soldados nos seus uniformes verde-oliva, ouviam-se os aplausos da população. [...] um oficial norte-americano afirmou que os soldados brasileiros saberiam dar conta dos nazistas.<sup>5</sup>

Muitas das informações prestadas pela imprensa carioca foram, mais tarde, por ocasião do retorno ao Brasil, contestadas no relato dos soldados brasileiros, seja nos diários pessoais ou nos livros publicados, o que é evidenciado no depoimento do infante médico do 6º Batalhão de Infantaria, quando refuta a informação de que o 1º escalão fora recebido com galhardia pelo comando americano e pela população italiana no Porto de Nápoles:

Tive oportunidade de ler um jornal de casa. Um general que chegou trouxe *O Jornal* do Rio de Janeiro. A descrição confirmou o que sempre pensei de notícia de jornal: falsidade e deturpação consciente e criminoso da verdade. Diziam que viemos preparados. Nada disso. Que trouxemos barracas. Passamos a noite ao relento por não termos trazido. Fomos recebidos com ovações de uma grande multidão. Cais deserto sem ninguém. Só alguns oficiais nossos americanos e um grupo de italianos.  
6

Diante desses fatos, há que se perguntar qual foi o real papel da imprensa brasileira durante o período em que a FEB fez seu combate na Itália. No projeto estadonovista, segundo Lucia Lippi Oliveira, a dimensão ideológica assume um papel preponderante, na medida em que constituiu uma doutrina de “obrigação política” para a sociedade civil. Nesse aspecto, a cidadania é redimensionada pela doutrina, que busca envolver os diversos setores sociais na política do Estado. A preocupação maior consistiu em construir uma estratégia político-ideológica capaz de legitimar a existência do regime frente à opinião pública.<sup>7</sup> Uma FEB guerreira e vitoriosa interessava ao governo central.

Segundo levantamento do marechal Machado Lopes, comandante do 9º Batalhão de Engenharia da FEB, a imprensa brasileira fez-se representar junto à FEB pelos jornalistas correspondentes que, “abnegadamente, documentavam, com as suas crônicas, não

<sup>4</sup> Jornal *Diário da Noite*. Rio de Janeiro: 19 de julho de 1944.

<sup>5</sup> Jornal *O Globo*. Rio de Janeiro: 12 de setembro de 1944.

<sup>6</sup> UDIHARA, Massaki. *Um médico brasileiro no front*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

<sup>7</sup> OLIVEIRA, Lucia Lippi. Os intelectuais e as raízes da Ordem. *apud* D’ARAÚJO, Maria Celina (org.). *As Instituições Brasileiras da era Vargas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

só os feitos extraordinários dos nossos pracinhas, como até passagens pitorescas da vida na frente”.<sup>8</sup>

Dos jornalistas acreditados junto à FEB, *O Globo* enviou Egydio Squeff; em nome dos *Diários Associados*, foram Joel Silveira e José Leite; *O Diário Carioca* era representado por Rubem Braga; o jornalista Raul Brandão atuou junto ao *Correio da Manhã*; enquanto a *Agência Nacional* acabou enviando dois jornalistas: Thassílio de Campos Mitke e Sylvio da Fonseca. As principais notícias que temos da época da guerra foram colhidas e redigidas por esses profissionais.

Além dos jornalistas brasileiros, a FEB contou com um bom número de correspondentes estrangeiros, como Francis Hallwell, correspondente da BBC (British Broadcasting Corporation); também com Henry Bagley, da Associated Press; com o tenente coronel Carrel Peck, da coordenação de Assuntos Interamericanos; e com Clinton Conger, da United Press; além de outros correspondentes representantes do International News Service. Segundo a jornalista brasileira Silvia Bittencourt (Majoy) – que acompanhou as manobras do 6º Regimento de Infantaria, no vale do rio Serchio, junto do ministro da Guerra do Brasil Eurico Gaspar Dutra –, o quartel-general da imprensa aliada era o Public Relation, que ficava em Roma, local de onde “saíam as narrativas para o mundo”.

A Imprensa filmada foi representada pelos cinegrafistas Allan Fisker, Frank Norall, Horacio Coelho Sobrinho, Fernando Stameto, Silvio da Fonseca e Abelardo Cunha.

As notícias sobre os brasileiros chegavam aos jornais por meio de telegramas, de radiofotos e de código Morse para as transmissões a longa distância, ou até por via aérea.

Tais notícias eram filtradas pelas censuras militares norte-americana e brasileira. Para entender a questão da censura feita aos jornais da época, no que diz respeito a notícias da FEB, é relevante o testemunho de Thassilo Mitke, correspondente brasileiro da Agência Nacional. Em depoimento efetuado em junho de 2000, ele aborda as questões de censura a que eram submetidos todos os jornalistas e destaca: “Sabíamos da censura do DIP. ‘Escreveu, então mostra para o censor.’ O censor lia o que era escrito e, depois, carimbava autorizando os escritos. Caso contrário, a edição era apreendida pela polícia”.<sup>9</sup>

Para a transmissão do noticiário de guerra, tanto os correspondentes brasileiros como os estrangeiros utilizavam duas organizações internacionais: a America Cable e a America Press. Elas recebiam as correspondências aprovadas e as transmitiam ao Brasil. Nada seria transmitido se não tivesse o visto da censura americana. Os correspondentes que não

<sup>8</sup> LOPES, Machado. *100 vezes responde a FEB*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 1976.

<sup>9</sup> MITKE, Thassilo. Depoimento. *apud História Oral do Exército*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 6 de junho de 2000.

tivessem a franquia da transmissão eram obrigados a usar outro expediente. Nem todos tiveram essa franquia, como Rubem Braga, que enviava suas notícias por meio de avião. Muitos desses informes eram levados ao público com atraso, às vezes até um mês depois do ocorrido.

Os jornais dos batalhões apareceram em profusão. Os mais conhecidos eram *A Cobra Fumou*, do 1º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria; *O Sampaio*, do 1º Regimento de Infantaria; o *Zé Carioca*, uma publicação do Serviço Especial da 1ª Divisão de Infantaria do Exército; o *Brasil Ultramar*; *O Chicote* e a *Tocha*, este último uma publicação que existiu apenas durante o retorno dos soldados brasileiros no navio General Meigs. Dos jornais que surgiram nessa fase, o *Cruzeiro do Sul* era o órgão oficial da FEB. Grande parte deles buscava informar os soldados sobre os acontecimentos da guerra na Europa, principalmente sobre as notícias que vinham da frente alemã.<sup>10</sup>

A leitura minuciosa desses jornais pode fornecer dados relevantes para o pesquisador que se proponha a verificar as tendências de seus redatores. No caso da imprensa produzida nos batalhões, seus responsáveis eram todos oficiais da mais diversificada escala hierárquica da FEB, mas contava com outros colaboradores, entre os quais soldados. Nesse aspecto, uma pergunta é pertinente: qual seria a ótica de um jornal de batalhão? Havia liberdade de expressão, ou o controle por meio de uma censura prévia? Diante do exposto, observa-se a perspectiva de respostas, por meio de um exame mais crítico dos documentos existentes.

Muitos dos jornais brasileiros, mesmo os que haviam enviado seus correspondentes, dependiam estritamente dos censores que atuavam junto ao Exército Brasileiro. Para o envio de uma notícia, era necessária, primeiro, a autorização desses responsáveis, que, por sua vez, as enviavam ao Brasil e, aqui, o DIP funcionava como central catalisadora e distribuidora das notícias da guerra. Já em território brasileiro, ocorria uma ramificação entre os jornais conveniados, que funcionavam como multiplicadores das informações. Nesta rede de influências e agregados da imprensa, devidamente autorizados a reproduzir as matérias que vinham do *front*, destacamos os seguintes periódicos: *Diário da*

---

<sup>10</sup> Sobre os nomes dos jornais dos batalhões, cabe uma explicação: *A Cobra Fumou* é uma referência ao símbolo máximo da FEB, ou seja, a cobra desafiadora que vence obstáculos. *O Sampaio* homenageava o próprio regimento; e Sampaio, o seu patrono morto na Guerra do Paraguai. *O Zé Carioca* lembrava o uniforme de brim do combatente brasileiro por sua cor ser igual à do papagaio personagem de Walt Disney e que fazia muito sucesso na época da guerra. *O Chicote* tinha intenção de ser um jornal crítico que pudesse enfatizar os episódios, resoluções e pessoas que contrariavam o bom andamento do regimento. *A Tocha*, na linguagem dos expedicionários, significava fugir, escapular, era um termo muito usado quando os soldados saíam às escondidas para um passeio, para visitar uma cidade, promover algo que não era permitido na disciplina militar.

*Noite, A Notícia, A Noite, Jornal do Commercio, Tribuna Popular, A Democracia, A Manhã, O Radical, O Jornal, Correio da Manhã e Jornal do Brasil, entre outros.*

Cabe lembrar que, no 1º Escalão da FEB embarcado para a Itália, não havia correspondentes de guerra brasileiros. Buscando dar ênfase à chegada desse escalão à Itália, esses jornais destacavam manchetes de capa, com vibrante confiança nos soldados brasileiros. Muitas vezes, tais editoriais eram reforçados também pelos correspondentes de guerra estrangeiros que, sem conhecer a realidade da tropa recém-chegada, publicavam informações imprecisas.

A 19 de julho de 1944, muitas notícias sobre os combatentes iam chegando ao Brasil, dando detalhes do desembarque do 1º Escalão da FEB. Um dia antes, o correspondente norte-americano Clinton Conger, da United Press, já havia reunido os principais dados sobre a tropa brasileira, que foram publicados no Brasil sob o título “Pisam o solo italiano os soldados do Brasil”. De acordo com os jornalistas que se encontravam de plantão no porto, as tropas brasileiras chegaram a Nápoles às 9 horas da manhã e realizaram o primeiro desembarque às 18 horas, encabeçado pelo comandante-chefe brasileiro, general Mascarenhas de Moraes.

O jornalista Clinton Conger, após entrevistar alguns oficiais e saber destes os motivos da presença de um contingente tão expressivo, obteve a seguinte observação: “Segundo declararam os oficiais brasileiros presentes, essa força constitui o contingente avançado da FEB. [...] São essas as primeiras tropas latino-americanas enviadas para combater ultramar”.

No dia 21 de julho de 1944, o jornal *A Noite* estampava as palavras do comandante da FEB, ao desembarcar em Nápoles: “Apurem-se bem, porque há muito trabalho para nós de agora em diante”. Nesse mesmo dia, pequenas notícias davam conta da manifestação estrangeira diante da chegada dos brasileiros:

*Nova York: órgãos da imprensa local tecem grandes elogios ao general Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB, pela solicitude com que trata os seus soldados. Falando à imprensa, esse general declarou que não descansará enquanto os alemães não forem aniquilados.*

No dia 30 de julho de 1944, *O Jornal* destacava o embarque dos expedicionários para a Itália:

*Já se encontram contingentes de nossa Força Expedicionária Brasileira em território da Itália, ansiosos para entrar em luta contra os nazistas. Podem, agora, ser divulgados detalhes da partida dessas tropas para o teatro de guerra europeu. O presidente Getúlio Vargas e o ministro Eurico Gaspar Dutra estiveram a bordo, examinando todo o material destinado aos mesmos. O titular da pasta da Guerra teve*

oportunidade de pronunciar palavras de incentivo aos bravos combatentes brasileiros que vão desagrar a honra nacional.<sup>11</sup>

No mesmo mês de julho de 1944, o jornal *O Globo*, em sua manchete, anunciava: “Prontos para a primeira batalha os soldados do Brasil.” Nas declarações prestadas à imprensa, o general Mascarenhas de Moraes declarou que o Corpo Expedicionário havia sido beneficiado com as observações colhidas na linha de frente. Naturalmente, diante da expectativa sobre o que esperavam da ação dos soldados brasileiros em frente de campanha, o comandante procurou manter sempre uma postura de cautela.

Dei ordens – disse ele – para que a bandeira que tremulou no primeiro dia do acampamento fosse guardada para ser usada na primeira batalha que travemos com os alemães. O general Mascarenhas de Moraes fez esta declaração no curso da palestra que manteve com os correspondentes ao terminar na noite passada uma reunião do seu Estado Maior.<sup>12</sup>

O general Mascarenhas de Moraes declarou com entusiasmo sua satisfação pela significativa recepção concedida aos brasileiros pelos norte-americanos e se referiu também às felicitações que lhe enviou o presidente Vargas, quando suas tropas chegaram a salvo a Nápoles.

Durante o desembarque do 1º Escalão da FEB no Porto de Nápoles, a presença de jornalistas americanos era significativa e constituía algo inusitado. Diante da política da boa vizinhança, algo que já vinha se firmando desde as políticas de bastidores que foram o prenúncio da participação brasileira na guerra, tal presença tinha por objetivo selar os votos de amizade, ao mesmo tempo em que usaria o material das entrevistas para divulgação em rede por todo o território americano e o brasileiro. Tal fato era possível constatar pela presença, mais tarde, desses repórteres estrangeiros nos acampamentos brasileiros e pelas notícias divulgadas pelo DIP por meio dos jornais agregados, sempre assinadas por jornalistas estrangeiros.

Como todo o noticiário de guerra, seja por meio da imprensa falada ou escrita, passava pela censura, os americanos também usaram esse expediente com muita sutileza. Em recente estudo sobre a imprensa americana na época da guerra, justamente na região de Bolonha, os autores de *Combat Photo* (1944-1945) destacaram os procedimentos da imprensa e suas relações com o Chefe do Estado Maior do Exército, da Marinha e da Aviação americanas. Os pesquisadores consideraram rígido o esquema de cobertura dos fatos que ocorreram na Itália.<sup>13</sup> Mesmo em algumas revistas como a *Life*, a *Weekly* e a *Picture Post*, cujos fotógrafos e correspondentes gozavam de certa autonomia e estavam creditados a

<sup>11</sup> EDITORIAL, *O Jornal*. 30 de julho de 1944.

<sup>12</sup> EDITORIAL, *O Globo*. Rio de Janeiro, 27 de julho de 1944.

determinados comandos, as imagens e informações passavam obrigatoriamente pelo serviço de censura.

Quando o navio General Mann, conduzindo o primeiro escalão da FEB, aproximou-se de Nápoles, os correspondentes americanos, ávidos por informações, resolveram fretar um pequeno rebocador, para tentar alcançar o navio-transporte com os soldados brasileiros, que já se encontrava na altura da Ilha de Capri. Foi vã a tentativa, pois o navio-transporte seguia mais rápido. O pequeno rebocador fez meia-volta, enquanto os soldados brasileiros, debruçados nas amuradas, “torciam” pela vitória do insignificante rebocador que desafiava a velocidade, já bem reduzida, do grande transporte de guerra.

As notícias chegadas ao Brasil mostravam algumas novidades: no desembarque, já no cais, buscando se conduzir pelas novas normas, os oficiais brasileiros carregavam para terra suas próprias bagagens em seus *volpacks*, do mesmo modo que os soldados carregavam suas mochilas e sacos. Tal fato poderia ser visto como algo normal, mas era perceptível o início das mudanças. Desse modo, a quebra hierárquica, proporcionada pelas diretrizes, mostrava algo difícil de acontecer no Brasil antes da guerra. Para os oficiais oriundos da escola francesa, jamais um oficial carregaria seus pertences. Era a sinalização de novos tempos para o Exército Brasileiro, que partia para a modernidade.

Muitos soldados do 6º Regimento de Infantaria foram entrevistados, pois os correspondentes queriam saber como tinha sido a viagem. Sobre os brasileiros, dizia o jornal:

O sentimento geral de todos os soldados de bordo parece ter sido resumido com fidelidade nas palavras do sargento Helio Marques – um artilheiro de cabelos ruivos, que era estudante de odontologia no Rio de Janeiro: Naturalmente, estamos muito satisfeitos... Por que não? Boa comida, boa viagem, muita rapidez, boa camaradagem, nenhuma interferência do inimigo... E, depois, a grande recepção.<sup>14</sup>

Foi destacada também, na mesma edição, a quebra do rigorismo das autoridades americanas em relação aos pertences pessoais que os soldados portavam durante o desembarque em Nápoles.

A mesma quebra ocasional e simpática de certos rigorismos característicos dos soldados norte-americanos também pode ser observada entre os brasileiros que desembarcavam. É claro que os instrumentos musicais não são nunca considerados como equipamento essencial de guerra, mas os marinheiros e fuzileiros norte-americanos sempre os trazem consigo. Agora com a chegada dos brasileiros, bem se pode ver que, entre as mochilas e sacos de lona, chegavam, cuidadosamente

---

<sup>13</sup> ARBIZZANI, Luigi; BARBIERI, Remigio; PATICCHIA, Vito *et al.* In: *Combat Foto: 1944-1945. L'Amministrazione militare alleata dell' Appennino e la liberazione di Bologna nelle foto e nei documenti della 5ª Armata Americana*. Bologna: Grafis Edizioni, 1994

<sup>14</sup> EDITORIAL, *O Globo*. Rio de Janeiro, 27 de julho de 1944.



resguardados, certos volumes sobraçados por soldados brasileiros, e cuja forma não permitia enganos – eram violões, nem sempre muito bem disfarçados.<sup>15</sup>

Outros jornais brasileiros buscaram dar destaque à chegada dos soldados à Itália. Com o título “Nossa Contribuição”, o *Diário de Notícias* chama a atenção dos seus leitores para a relevância daquele momento histórico, que resumia os preparativos quase infundáveis da FEB para ir à guerra, em alguns momentos até desacreditada, não apenas pela população, mas por outros, cujos interesses escusos nunca ficaram muito claros:

A notícia da chegada das forças expedicionárias brasileiras a Nápoles representa a conclusão feliz de um dos aspectos mais importantes do nosso esforço de guerra. Alargamos desse modo nossa participação na luta, contribuimos com suor e sangue para a derrota do nazismo.<sup>16</sup>

O *Diário de Notícias* busca chamar a atenção dos leitores para a questão de honra e o significado da participação brasileira na guerra. Dizia também dos sacrifícios extremos que eram impostos por esse gesto. “Os sacrifícios causam tristezas sem dúvida. Porém, como haveríamos de desempenhar nosso dever de contribuir para a defesa da liberdade e da dignidade humana, em face do assalto que o fascismo e o nazismo desfecharam contra esses valores da civilização?”<sup>17</sup>

Também a imprensa latino-americana, no sentido de informar seus leitores sobre a guerra que acontecia na Europa, buscava destacar a importância da tropa brasileira como única representante sul-americana no conflito. Em Santiago do Chile, o jornal *La Opinion*, em julho de 1944, informava a posição dos países sul-americanos que não se envolveram com a guerra.

Os países latino-americanos que até o momento declararam guerra às potências do Eixo não combateram e muitos deles não o pretendem fazer. Salvo o caso dignificante do Brasil, que se prepara como país combatente para enviar aos campos da Europa uma considerável força expedicionária.<sup>18</sup>

Nessa posição, o *La Opinion* avalia a importância do Brasil na guerra diante dos demais países latino-americanos:

O Brasil, irmão maior da América Latina, de acordo com o conteúdo natural de sua declaração de guerra, pediu, exigiu e hoje se prepara, a fim de ocupar o seu posto de sacrifício no atual conflito bélico mundial. Sua atitude deve ser o quanto antes respeitada pelos demais povos irmãos do hemisfério.<sup>19</sup>

---

<sup>15</sup> Idem.

<sup>16</sup> EDITORIAL. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 18 de julho de 1944.

<sup>17</sup> Idem.

<sup>18</sup> EDITORIAL. *La Opinion*. Julho de 1944. *apud A Noite*. Rio de Janeiro, 3 de agosto de 1944.

<sup>19</sup> Idem.

No dia 21 de agosto de 1944, os jornais do Rio de Janeiro estampavam o cartaz “O Brasil está presente”, amplamente distribuído pelo DIP, contendo a representação do soldado da FEB envergando um uniforme de brim verde-oliva, como se estivesse presente em um desfile de saudação à população. O texto colocado estrategicamente no jornal, logo abaixo da gravura, buscava chamar a atenção dos leitores. Trazia informações, dizendo do revide necessário para castigar os bárbaros invasores.

[...] agora com as Forças Expedicionárias, no teatro de guerra, um preito de homenagem às nossas classes armadas e, ao mesmo tempo, fazendo conhecido ao nosso povo o que tem sido a luta do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, na atual guerra que ensanguenta todos os continentes.<sup>20</sup>

No processo de veiculação das notícias que eram divulgadas nas grandes cidades brasileiras, a imagem do soldado brasileiro é colocada no mesmo patamar dos demais soldados aliados:

Soldados brasileiros vão exatamente ombro a ombro com os soldados ingleses e norte-americanos completar essa obra, essa libertação, já não só da Itália, senão da Europa e do mundo. É em nome da liberdade que as forças expedicionárias brasileiras desceram na Itália, numa missão de guerra, mas tocada do mais puro idealismo.<sup>21</sup>

A reportagem encerra louvando as qualidades da nação brasileira: um país sem ideias imperialistas, sem interesses em benefícios próprios.

Não temos conquistas a fazer. Nada desejamos da Europa que signifique domínio, influência para tirar benefícios materiais. Ali estamos puramente em nome de uma causa, de um princípio, de uma ideia. Evidentemente, a permanência desses valores representa, para nosso país, a segurança de sua independência, a certeza de sua soberania.<sup>22</sup>

Dos periódicos que circulavam no Rio de Janeiro nessa fase, o jornal *A Noite* constituiu uma das expressões máximas do regime estatal e da propaganda encetada pelo DIP aos meios de comunicação.

As observações trazidas pelos jornais e a apologia aos valores cívicos e pessoais estavam contidas na propaganda ideológica. Naturalmente, não passaria despercebida pelos soldados brasileiros que, mais tarde, amadurecidos em frente de batalha, combatentes verdadeiros na acepção da palavra, acabaram por colocar em xeque tais valores e, no pós-guerra, em busca do reconhecimento de suas ações, usaram os mesmos argumentos na reivindicação de cidadania.

---

<sup>20</sup> EDITORIAL. *A Noite*. 21 de agosto de 1944.

<sup>21</sup> EDITORIAL. *A Noite*. 3 de agosto de 1944.

<sup>22</sup> Idem.

A imprensa brasileira procurava acompanhar as famílias dos expedicionários brasileiros, principalmente as que moravam no Rio de Janeiro, capital da República na época, onde fervilhavam as notícias não só do cotidiano da cidade, mas sobre a própria guerra, pois não fazia muitos dias que o primeiro escalão havia chegado à Itália.

As redações dos jornais estavam ligadas aos meios de comunicação modernos da época. Para manter contato com seus correspondentes, muitos desses jornais buscavam notícias que pudessem tranquilizar os familiares dos que haviam partido. Com frequência os jornais abriram espaços em suas colunas, como ocorreu durante a campanha na Itália, a fim de facilitar a comunicação entre os combatentes e seus familiares. Eram colunas dedicadas às mensagens e respostas, que serviam não somente aos que estavam nos longínquos campos italianos, mas aos que aqui tinham permanecido. Substituíam, portanto, o correio, que, além de demorado, teria de enfrentar o corte dos censores do Exército Brasileiro. Estes foram os expedientes utilizados: o *Boletim da Legião Brasileira de Assistência* e o *Globo Expedicionário*.

A LBA acompanhava atentamente a saída dos navios-transporte militares que partiam rumo à Itália, pois era uma oportunidade de encaminhar, sem muita burocracia, os produtos que haviam sido arrecadados nas campanhas desenvolvidas pela instituição.<sup>23</sup> Buscando dar continuidade aos seus atos beneméritos, acabou por dedicar grande parte do seu Boletim à causa expedicionária. Uma das colunas mais procuradas pelos familiares dos soldados era a das Mensagens, quase sempre ilustradas com a foto de quem as enviava.

Havia também a coluna das Respostas, geralmente enviadas pelos soldados que estavam na Itália aos seus familiares. Essas correspondências vinham diretamente para a sede da LBA no Rio de Janeiro, que as distribuía pelo Brasil.

Logo após os primeiros combates em solo italiano, *O Boletim* criou a coluna “Galeria dos Heróis”. Além dos *slogans* especiais que enalteciam os combatentes, “*Confiamos em vocês*”, “*Os feridos da FEB*” e “*O Brasil condecora seus heróis*”, grande parte do espaço era reservado à presidente da LBA, Darcy Vargas, para suas mensagens.

A presidente da LBA mantinha bom relacionamento com a imprensa local, no sentido de divulgar os informes da instituição. “A feliz iniciativa de *O Globo* dá-nos o ensejo

---

<sup>23</sup> Na campanha organizada em todo o território nacional, a LBA arrecadou uma diversidade de produtos que foram enviados aos expedicionários na Itália. Geralmente, materiais de higiene, roupas íntimas, pulôveres, luvas, meias de lã, cachecóis e toucas protetoras para o inverno. Por ocasião do Natal, foi enviada uma variedade de doces. Ao gesto humanitário da LBA, há o reconhecimento dos combatentes em vários depoimentos que se teve a oportunidade de colher.

de transmitir aos nossos soldados, que em outras terras foram honrar e defender as tradições brasileiras, a manifestação da fé em sua bravura”.<sup>24</sup>

Em outro momento: “Aqueles a quem o destino e as circunstâncias recusaram a participação direta na refrega marcham espiritualmente ao lado dos nossos expedicionários comungando as suas dores e as suas glórias”.<sup>25</sup>

A angústia, reinante entre os familiares dos que haviam embarcado para a guerra, acabou se tornando tema de aporte de muitos jornalistas que procuravam demonstrar os momentos tensos e de emoção que a guerra proporcionava. O mesmo ocorreu com os programas radiofônicos, ouvidos na época, como o de André Carrazzoni. Neste, em especial, fazia-se menção aos telegramas provenientes de Nápoles, após a chegada dos brasileiros:

Todos quanto leram os telegramas procedentes de Nápoles experimentaram a mais intensa emoção. Ainda aqueles que, porventura, não possuíam nenhum parente próximo ou amigo íntimo entre as tropas que já se acham na vizinhança do *front* também vibraram com a leitura do noticiário: parentes ou amigos, conhecidos ou desconhecidos, os soldados que lá estão são nossos irmãos, porque são filhos da mesma terra.<sup>26</sup>

O noticiário radiofônico buscava tranquilizar os familiares dos combatentes, afirmando:

Eles não estão tristes. Lendo o que muitos deles declararam aos jornalistas, após o desembarque em Nápoles, nós ficamos reconfortados. Se não amam a guerra, porque a guerra é cruel e o povo brasileiro é de índole suave e cultiva os ideais de fraternidade humana, igualmente não a temem e se dispõem a afrontá-la com a mesma flama do soldado do Brasil, em todos os tempos.<sup>27</sup>

Na avaliação dessas manifestações, seja pela imprensa ou pelo rádio, é explicitada a ideia de uma “alma nacional”, em que a nação brasileira adquire sua verdadeira fisionomia, representada na guerra pelo Corpo Expedicionário Brasileiro, verdadeira expressão de um novo nacionalismo, em que os costumes são respeitados, as tradições e a unidade moral da pátria estão a amalgamar a nova ordem. Eram valores sacramentados no ideário estado-novista e ratificados pelo DIP.

Com a saída do 2º e do 3º escalões da FEB, no mês de setembro de 1944, embarcaram os correspondentes de guerra brasileiros, previamente selecionados pelo Exército e pelo DIP. Estavam presentes os jornalistas Egydio Squeff, Rubem Braga, Thassilo Mitke e Joel Silveira. Do rol dos escritos desses jornalistas e cronistas, têm-se notícias do cotidiano da

---

<sup>24</sup> VARGAS, Darcy. Coluna de mensagens. *O Globo Expedicionário*. Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1944.

<sup>25</sup> VARGAS, Darcy. Coluna de mensagens. *O Globo Expedicionário*. Rio de Janeiro, 14 de setembro de 1944.

<sup>26</sup> EDITORIAL. *A Noite*. Rio de Janeiro, 20 de julho de 1944.

<sup>27</sup> Idem.

guerra, dos acampamentos dos soldados brasileiros, do *front* estacionado no inverno, dos povoados e da integração dos homens da FEB com as famílias italianas. São páginas que exploram narrativa jornalística de grande interesse para a historiografia em nossos dias.

Em função da censura, e por segurança, a notícia vinha cifrada e, geralmente, não era citado o local onde o fato havia ocorrido. Tal situação vai exigir, do pesquisador, uma leitura mais profunda, a fim de compreender e acompanhar os vários deslocamentos da FEB com seus Regimentos. A partir de outubro de 1944, são dadas evidências grandiosas aos soldados brasileiros, criando uma atmosfera de infalibilidade com manchetes de capa como: "Crescente e ininterrupta a pressão dos brasileiros".<sup>28</sup> Ou, no mesmo jornal: "Brasileiros em Violentos Combates", referindo-se às ações no Vale do Rio Serchio, na Linha Gótica.

Após a ênfase dada pela conquista de Camaione<sup>29</sup> – considerada, pelos soldados brasileiros, o "local onde se deu uma das mais belas manobras do Exército" –, "não houve, por certo, jornal do Brasil que deixasse de estampar em títulos garrafais esse nome, porque foi a primeira cidade a ser conquistada pelas tropas brasileiras".<sup>30</sup> Tal acontecimento é mérito, sem dúvida, dos combatentes do 6º Regimento de Infantaria, mas que, em seu prosseguimento, esbarra na experimentada 232ª Divisão de Infantaria Alemã e na Divisão Italiana Monterosa, que constituía forte presença nessa região.

Durante as primeiras manobras da FEB em território italiano, os correspondentes estrangeiros acompanhavam de perto os feitos realizados, e a euforia tomava conta de todos. A correspondente brasileira Sílvia de Bittencourt, que usava o pseudônimo de Majoi, nessa ocasião, quando se encontrava na sede da United Press, em Roma, recebeu a missão de cobrir a atuação da frente brasileira. Ao visitar um dos acampamentos, segundo seu relato, lá estava muito frio e a "cobra fumava". Era no Hotel della Città, localizado na praça Trinità dei Monti, onde ficavam concentrados os correspondentes que recebiam as diretrizes da imprensa americana. O Public Relation era o quartel general da informação e ficava no Palácio Marguerita.

Segundo Majoi, desse célebre hotel saíam as narrativas da guerra para o mundo. "De lá, partíamos, caçadores de sombras ou de realidades por essas batalhas, onde o feltro bordado a ouro com *War Correspondent*, passado na ombreira da camisa, é a senha para os lugares secretos."<sup>31</sup>

---

<sup>28</sup> EDITORIAL. *A Noite*. Rio de Janeiro: 19 de outubro de 1944.

<sup>29</sup> A cidade de Camaione está localizada ao pé dos Apeninos. Constituíam um centro de abastecimento a 10 quilômetros da costa e, na época, foi a primeira cidade a ser libertada pelos brasileiros.

<sup>30</sup> ARRUDA, Demócrito. *Depoimentos dos Oficiais da Reserva sobre a FEB*. Rio de Janeiro: Cobraci, 1956.

<sup>31</sup> BITTENCOURT, Sílvia de. *apud* MAJOL. *Seguindo a Primavera*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1951.

Próximo a Somocolonia, que havia sido conquistada no dia 24 de outubro, deu-se o primeiro recuo da tropa brasileira a 31 de outubro de 1944, situação não aceita pelo comandante da Infantaria, general Zenóbio da Costa, com cujos procedimentos e discursos aos soldados do Regimento, nessa e em outras missões de grandes fragilidades da FEB, mostrou-se irredutível e desqualificado.

A imprensa não noticiou os problemas ocorridos durante o recuo em Garfagnana, em que o 6º Regimento de Infantaria teve muitas baixas, entre mortos, feridos e prisioneiros. São várias as interpretações para o primeiro revés das tropas brasileiras em território italiano. O Exército silenciou a respeito dessa campanha, e a imprensa nada registrou, passando a destacar apenas episódios isolados ou fatos menos expressivos da frente italiana.

Para se entender o episódio, há que se localizar essa região no mapa da guerra e seus desdobramentos. Trata-se do Vale do Rio Sercchio, situado ao norte de Pisa. Os grupamentos alemães e as divisões italianas defendiam a região com muita obstinação. Tinham esperanças de que, se a guerra continuasse por mais tempo, com a nova tecnologia alemã e a criação de superarmas, as tropas poderiam reverter o processo a seu favor, ganhando espaço e recuperando os objetivos que haviam perdido.

No mapa, Castenuovo di Garfagnana e vários pequenos povoados constituíam missões da FEB. O comando brasileiro sabia da forte presença da 232ª Divisão de Infantaria Alemã. Uma frente difícil, montanhosa, e que dificultava a movimentação de tropas. Coube a um batalhão do 6º Regimento de Infantaria da FEB, com 871 homens, fazer o enfrentamento.

Não houve sensibilidade do comando em avaliar as condições do 6º Regimento de Infantaria que combatia em território italiano desde agosto de 1944 sem nenhum descanso. Durante o combate, os soldados estavam à beira da exaustão. Somando-se a essa situação, outros tantos graves problemas contribuíram para o recuo dos brasileiros: as dificuldades de comunicação com o comando e a falta de munição. A neblina e a chuva intermitente proporcionaram um contra-ataque violento por parte dos alemães, em uma refrega de quase corpo a corpo com os brasileiros.

Muitos enfatizaram a questão do revés, relacionado ao otimismo exacerbado por parte da tropa brasileira, mas tal fato foi veementemente negado pelos participantes do grupamento. Cabe lembrar que a retirada do 6º Regimento de Infantaria da FEB dessa região proporcionou a entrada de uma Divisão Americana como substituta, mas que também não foi vitoriosa. Somente no fim da guerra, em abril de 1945, a 232ª Divisão de Infantaria Alemã rendeu-se, juntamente a outras.

Entre novembro e dezembro de 1944, a imprensa disfarçou seu noticiário, divulgando as conquistas das primeiras cidades do Vale do Rio Serchio, com manchetes episódicas destacando os combates ocorridos ainda em agosto de 1944. “Os brasileiros levaram de roldão tropas nazifascistas.” O destaque era em relação à cidade de São Quirico, onde tinham sido feitos prisioneiros vários soldados italianos fiéis a Mussolini.<sup>32</sup>

A imprensa, no seu discurso grandiloquente, continuou com suas manchetes de capa. *O Globo* noticiou, no dia 4 de dezembro: “As tropas brasileiras impõem severas baixas aos alemães”, ou então: “Avançando consideravelmente, as nossas tropas, comandadas pelo general Zenóbio da Costa, conservaram o inimigo em choque durante doze horas”.<sup>33</sup> Nenhuma menção foi feita ao episódio de Garfagnana.

Na análise da atuação da FEB em território italiano, a imprensa brasileira, orientada pelo DIP, acabou por expor feitos heroicos, em uma guerra que mal havia começado para os soldados brasileiros. Muito se esperava desses homens. De setembro a outubro de 1944, os jornais do Rio de Janeiro diariamente preencheram os espaços mais significativos de seus informativos com fatos já ocorridos, e sempre com grandiloquência. O supersoldado brasileiro era fruto da interpretação jornalística, que não condizia com a realidade da tropa e sua atuação. Era o discurso movido pela perspectiva da infalibilidade dos homens.

Até que ponto essa situação criou expectativas para a tropa é algo que pode redundar em questionamentos por parte do pesquisador. Essa avaliação diz respeito à ação do comando brasileiro e à atuação dos soldados no campo de batalha. Episódios de avanços e recuos estão registrados na história da FEB. Nas cinco tentativas de tomada de Monte Castello e, mais tarde, pela conquista de Montese, em missões que se apresentaram árduas, a FEB se fez combatente no próprio campo de batalha, sem a necessidade de usar o estereótipo de heroísmo tão propalado pela imprensa nacional.

Acompanhar os avanços da FEB em território italiano, na voz da imprensa e no contraponto dos soldados que participaram da guerra, é algo extremamente importante para compreender a participação brasileira na 2ª Guerra Mundial. A visão dos participantes coloca por terra muitos mitos pelos quais os combatentes não tiveram o menor interesse.

À medida que se avalia o discurso grandiloquente movido pela imprensa nacional, ao descrever a campanha, os homens, as armas e os equipamentos, percebe-se a difusão de uma imagem heroica dos feitos brasileiros, que não condiz com a realidade vivenciada pelos soldados, e que tinha objetivo único de reafirmar o discurso estado-novista.

---

<sup>32</sup> EDITORIAL. Jornal *O Globo Expedicionário*. Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1944.

<sup>33</sup> Jornal *O Globo*, 6 de dezembro de 1944.

Na representação dos soldados, buscava-se destacar a sólida convicção da superioridade e do espírito guerreiro do soldado brasileiro, do homem cordial e sensato, mas pronto a puxar seu fuzil em nome da defesa da paz e da democracia. Em nossos dias, as pesquisas sobre a participação da FEB buscam pontuar melhor a posição dos soldados brasileiros. Em grande parte, não diminuem em nenhum momento a ação dos combatentes nos campos da Itália, mas ressaltam o “bom combate” contra um inimigo aguerrido e preparado.

Nesse aspecto, a historiografia rebate os argumentos frouxos na avaliação muitas vezes frágil e inconsequente da campanha da FEB como um todo, por conta de uma análise que olha os diferentes campos da pesquisa histórica. No resgate das experiências individuais e coletivas dos homens da FEB, em seus aspectos mais singulares, está o registro da participação brasileira no maior conflito mundial ocorrido na contemporaneidade.